

Sarney
2 Brasília, terça-feira, 13 de junho de 1989

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos atra.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14..

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Não mentir é preciso

As reações do Presidente Sarney aos ataques de que tem sido alvo por parte do PMDB, desde a recente colocação da campanha eleitoral nas ruas, encontram ressonância solidária entre os observadores isentos da cena política. Não há quem possa negar o caráter oportunístico das críticas endereçadas pela liderança peemedebista, à frente o deputado Ulysses Guimarães, a figura do titular do Governo. Protagonista principal de todas as ações estratégicas da atual gestão e, até hoje, beneficiário de opulentos cargos públicos, falece ao PMDB autoridade política — ou moral — para censurar o Presidente da República.

Pode ser curta a capacidade social de assimilar, em suas formas complexas, o fenômeno político. Mas a memória do povo é bem mais duradoura e atilada do que supõem aqueles que, como a liderança do maior partido do País, pretendem confundi-la com a impostura eleitoral e levá-la a julgamentos levianos pelos acenos da demagogia. Se o governo do presidente Sarney não se filiou às expectativas mais ansiosamente cultivadas pela sociedade certamente tal desvio se deveu, em parte substancial, à incompetência política da organização partidária dirigida pelo deputado Ulysses Guimarães.

Justamente no espaço crucial da ação política, onde se situam os instrumentos destinados a sustentar controles eficazes sobre o sistema econômico, é que se deu a intervenção desastrada do PMDB, causa de todas as atuais dificuldades vividas pelo País. Em um primeiro momento, foi o falecido ministro Dilson Funaro, então figura

de proa das hostes peemedebistas, quem tomou as rédeas da política econômico-financeira para implantar o mal-sucedido Plano Cruzado. Aliás, os especialistas são unâmes em atribuir o malogro da iniciativa à decisão de prorrogá-la por um tempo não aconselhável, a fim de garantir em novembro de 1986, a vitória do PMDB nas eleições para os governos estaduais e o Congresso. Depois, o partido permaneceu com o domínio das diretrizes nessa área, período em que se destacou o programa de estabilização proposto pelo ministro Bresser Pereira, outra influente personalidade peemedebista. Como o anterior, também semelhante plano fracassou.

Por mais que se exercitem a hipocrisia e os malabarismos retóricos, é impossível extirpar do passivo político do PMDB sua responsabilidade pelo desempenho da atual experiência administrativa. Desferir acusações ao Presidente da República ou vetar a presença de ministros do partido nos palanques são atitudes velhacas, incapazes de ilaquear a boa-fá pública. E por motivos de tal ordem que um político de âmbito estadual ainda jovem e sem um programa de fôlego para salvar o País, dispara nas preferências eleitorais. Afinal, o povo, saturado de mentiras, não está disposto a embriagar-se com a demagogia, nem aceita a ilusão sobre o futuro de quem já o iludiu no passado.

Para não acabar como a Arena, outrora o maior partido do Ocidente e hoje reduzida a um pequeno PDS, o PMDB precisa com todas a urgência reconciliar-se com a verdade.